

Dr. Silva Jardim

CONFERENCIA PUBLICA

SOBRE O

FECHAMENTO DAS PORTAS

DO POSTO DE

Associação dos Empregados no Comércio

em

RIO DE JANEIRO

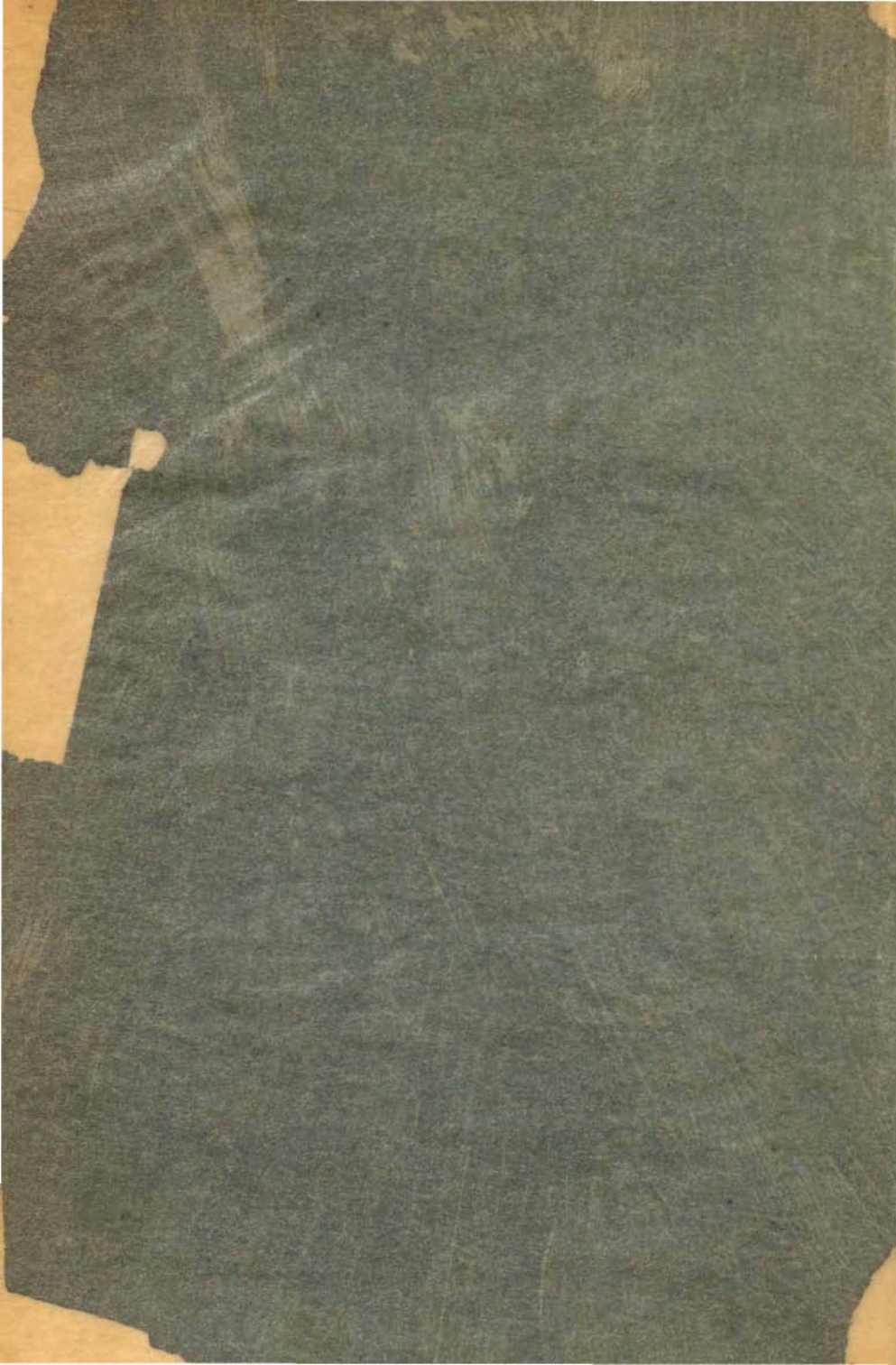
EM 27 DE OUTUBRO DE 1883

No Imperial Theatro S. Pedro d'Alcantara

RIO DE JANEIRO

IMPRESSA — BUNZEL & C. — RUA DO THEATRO N.º 11

1883



DR. SILVA JARDIM

CONFERENCIA PUBLICA

SOBRE O

FECHAMENTO DAS PORTAS

PROPOSTA DA

Associação dos Empregados no Commercio

DO

RIO DE JANEIRO

EM 27 DE OUTUBRO DE 1888

No Imperial Theatre S. Pedro d'Alcantara

Rio de Janeiro

Imprensa Mont'Alverne, largo da Carioca n. 3.

1888

W
334.2574
5586
C
1888

A QUESTÃO DO DESCANSO

PARA OS EMPREGADOS NO COMMERCIO

REALISADA A CONVITE DA

**Associação dos Empregados no Commercio
do Rio de Janeiro**

A 27 DE OUTUBRO DE 1888

No Imperial Theatro S. Pedro de Alcântara

O Sr. Presidente da Associação

Tendo em vista o movimento que se opéra actualmente para obter-se o fechamento das portas das casas commerciaes nos domingos e dias santificados, movimento igual ao que se deu em 1880, a associação dos empregados no commercio do Rio de Janeiro, tomou a deliberação de intervir na questão, estabelecendo um programma a respeito, programma que foi publicado pela imprensa no dia 25 do corrente.

Cumprindo-o, a associação, resolveu iniciar uma serie de conferencias, das quaes é a primeira esta de hoje. Representando a associação, como um de seus directores concedo a palavra ao distincto tribuno, Sr. Dr. Silva Jardim, que com sua eloquencia imponente, com sua logica de ferro, procurará levar ao animo de todos os commerciantes a convicção de que é necessario, é em bem de seus proprios interesses, que o fechamento das portas aos domingos e dias santos seja realisado. (*apoiados ; applausos*).

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
sob número 480-F
do ano de 1974

O Sr. Dr. Silva Jardim. — Srs. proprietarios de casas commerciaes, Srs. empregados no commercio, cidadãos.

Ao meu escriptorio de advogado foram ha dias alguns dignos moços, pertencentes á classe commercial, sollicitar de mim auxilio para a causa que actualmente têm pendente perante os proprietarios de casas commerciaes, para a qual pedem o concurso de seus confrades no trabalho, de todos os homens esclarecidos, e dos representantes da imprensa no nosso paiz; e eu não podia deixar de acudir a esse appello, tão generoso para mim, tão honroso, pois a isso me julgava obrigado pelos sentimentos de sympathia que sempre me prenderam á classe dos commerciantes, pelos sentimentos que nutro por todos os homens que fazem da vida uma luta, um trabalho honesto e não interrompido.

Assim, não em nome de minhas convicções politicas, mas como quem se interessa pelo nosso desenvolvimento social; não em nome de minha agremiação partidaria, mas como quem põe a patria acima de todos os partidos, interesse da sociedade humana ainda acima de todas as patrias; aqui estou pugnando pelos interesses de meus companheiros de trabalho; que todos somos companheiros nesse trabalho da luta pela existencia commum.

Além disso, circumstancias excepcionaes ligavam-me aos diversos membros da classe commercial; de modo a impor-me a obrigação de auxilliar-os na tarefa que sobre si tomavam. E que eu sou um homem do povo, filho do povo, vivendo para o povo, considerada a palavra, na sua maior comprehensão, desde as ultimas camadas sociaes, até as mais elevadas, e é da causa do povo que se se trata; é que eu me recordo desse momento da minha vida em que, n'um instante de desfallecimento, e de desesperança de poder seguir a carreira projectada, passei algum tempo a uma secretária commercial.

Os moços que pediam o meu concurso, e especialmente os directores da Associação dos Empregados no Commercio da cidade do Rio de Janeiro, concorriam assim para a elevação da classe commercial. Juntavam os seus esforços aos de todos os seus companheiros; comprehendiam fielmente o programma de sua agremiação, que era, desde 1880, procurar por todos os modos elevar a essa classe; e neste momento trabalham por obter o descanso nos domingos e dias santificados, o fechamento das portas nesses dias em uma palavra.

Explico d'est'arte não só a minha intervenção neste assumpto, como tambem a da Associação a que me tenho referido.

Procurarei dirigir-me aos proprietarios das casas commerciaes, aos *patrões*, e aos empregados no commercio, aos *caiveiros* sob o ponto de vista de suas relações mentaes, sociaes, do inte-

resso que uns e outros tem na elevação da classe commum; e, procurarei provar — que essa medida do descanso aos domingos, do laser, da hora vaga, lhes é de conveniencia para a saude phisica, para o trabalho intellectual e para o desenvolvimento dos bons sentimentos moraes.

A philosophia scientifica, meus senhores, demonstra que a existencia das classes no seio da sociedade, alem do seu caracter de fatalidade, nada tem de contraria ao principio de solidariedade e da fraternidade que rege os homens; em nada impede o desenvolvimento da liberdade, em nada prejudica a tanta quanto possivel igualdade social e civil.

Depois da observação de aristoteles, de que era precisa a *divisão dos officios*, vio-se claramente que cada organismo, em uma direcção dada, tomaria um certo impulso, o que fazia com que as funcções se especialisassem, com que certos agrupamentos, certas classes se fossem formando, de modo que o vasto, o immenso trabalho humano ficava dividido, cabendo taes serviços a umas, taes a outras e quaes áquell'outras; sem que entretanto essa divisão impedisse a *convergencia dos esforços* e a maior solidariedade. Representa assim o organisino social, o organisino humano, em que os diversos membros, exercendo cada um funcção diversa, concorrem todos para a funcção commum da vida.

A sociedade, a vasta corporação humana, admite assim forçosamente e a principio uma dupla divisão. Bem como no organismo do homem ha a vida vegetativa e vida animal, a vida de relação e moral, assim tambem na sociedade ha a vida corporal, representada pelas classes operarias, a propriamente dita a dos trabalhadores e a dos possuidores da *fortuna*; e a vida intellectual, representada pela classe pensante, que exerce funcções de direcção mental e moral, e sem que entretanto a classe proprietaria e operaria deixe de pensar e de melhorar seus sentimentos e sua actividade. *Divisão dos officios é convergencia de esforços*, pois, a especificação de funcções, e trabalho social commum, classes sociaes sem violação de uma plena liberdade, de uma justa igualdade, e da maior confraternisação sem violação.

Pois a liberdade não é o direito de fazer o homem o bem ou o mal á sua vontade: é a sujeição voluntaria a um conjuneto de *leis*. Uma pedra cae livremente, quando cae por uma fatalidade natural, obedecendo ao principio da gravidade, que a chama para a terra, sem soffrer cousa alguma que lhe impeça a queda; tambem na sociedade, o homem gosa de verdadeira liberdade quando pôde realisar uma funcção social, cumprindo e seu dever livre dos impulsos das paixões egoistas, sem outros incitamentos que não moraes. (*Muito bem*).

Pois a igualdade, absoluta não existe; uma tal concepção seria absurdo que a philosophia natural e a philosophia social, repelliriam porque a primeira mostra as distincções phisicas e intellectuaes e moraes que os homens apresentam; e a segunda demonstra a sua necessidade de uma acção livre, de uma liberdade inteira que um tal nivelamento viria atacar como a maior tyrannia e o maior atentado: a igualdade absoluta impedia, pois, a liberdade! (*Applausos prolongados*).

Pois a fraternidade não é essa, utopia-a de apresentar a face direita a quem esboicteou a esquerda, mas sim, conse compatível com a mais plena dignidade e ao mesmo tempo com a submissão, que a seu turno é compatível e com a independencia. (*Muito bem*).

Por tanto, os verdadeiros pensadores, deixarão de procurar nivelar ou fundir as classes, para harmonisar-as todas, reconhecendo a cada uma, uma direcção propria.

Sabeis, senhores, que funções existem na vida da alma humana: o sentimento, representado pelo coração, pela alma feminina, que sabe especialmente amar, o pensamento representado pelos sabios; pelos philosophos e pelos poetas; a actividade representada por aquelles que possuem, atravez da tradição dos tempos, os capitães da sociedade e que são os proprietarios; o patriciado, e aquelles que constituem o elemento productôr do trabalho, os operarios, o proletariado.

Todos: mulheres, philosophos, proprietarios, trabalhadores, exercitando cada um sua função, unem-se completam-se, marcham para o mesmo fim, collaboram na felicidade e no destino commum.

Como, por mais elevada que seja a função da vida, quer se trate da vida do pensamento, quer da vida do sentimento, nenhuma pode existir sem a vida corporal, concebeis que é uma verdadeira necessidade social ter garantidas as condições de existencia material?

Assegurar essa garantia é a função do patriciado e do proletariado. A riqueza é representada pelo patriciado, (assim chamados, porque como os paes, são sustentadores materiaes da sociedade), dos proprietarios, dos empregadores, dos que possuem o capital. O trabalho é representado pelo proletariado, pelos operarios, corporação que se compõe de todos aquelles que vivem do salario, dia a dia, que fazem um costume quotidiano do labor manual, que proporcionam à sociedade meios para a sua existencia material e para sua riqueza.

Na classe dos proprietarios do capital humano, estão incluídos os agricultores, os commerciantes, os fabricantes e os banqueiros. Os commerciantes são os intermediarios naturaes entre

a primeira classe proprietária, a dos agricultores, e as outras, a dos industriais e a dos banqueiros.

A sociedade humana, subindo sempre na escala do trabalho. No principio havia apenas simples cultores do solo; desenvolveram-se depois, as relações commerciaes, interesses economicos entre productores e consumidores, as praticas necessarias foram-se introduzindo, até as relações industriaes as mais elevadas, hoje principalmente productores e os possuidores de capital, exercem na sociedade um papel de grande valor porque, representam o trabalho e a sociedade moderna, se caracteriza pelo trabalho.

Antigamente, quando o valor guerreiro era o principal, valor, eram tidos em pouco o commercio e as industrias.

Pouco a pouco, porem, como o desenvolvimento da sociedade, depois que os costumes impuzeram a paz, *pacis impune morem*, segundo o bello verso de Virgilio; depois que o operario se foi erguendo até derribar o senhor feudal; depois das descobertas industriaes que multiplicam-se dia a dia, até o trabalho subir aos olhos de todos, e a expansão do commercio especialmente, tornou-se cousa maravilhosa. E a divisão natural da sociedade industrial se firmou em *empresendedores* que possuem os capitães, e podem fazer desenvolver a riqueza, e *trabalhadores*, que concorrem com o esforço diario para o incremento da mesma riqueza. Proprietarios e operarios; *patrões*, (é a palavra *patrão* vem do latim *pater*, pae), e *trabalhadores*, em harmonia bellissima, senhores, que a humanidade estabelecem entre o capital e o trabalho, entre o forte e o fraco! Harmonia bellissima que é protecção ao fraco, ao pobre, ao proletario, e vantagem ao forte, ao proprietario das riquezas, ao patriariado. (*Applausos*).

Deixou tambem de ser uma indignidade a pobreza. Pôde se conceber que si a riqueza era util, porque desenvolvia novas forças sociaes, a pobreza não o era menos, porque, impondo o trabalho, era o meio de desenvolver essas forças; e desde então reconheceu-se de todo o valor do proletariado, essa massa tornada poderosa, pelo numero em cujas mãos está afinal a sociedade moderna. Hoje, aquelle que marcha para o trabalho, para a roça, que para a officina, ou para o balcão, cumprem uma missão mui honrosa. O trabalho nobilitou todas as funções, desde as do ministro, até as do varredor de ruas, que tambem executa uma função publica. Todas as funções são honrosas; o honrador supremo é o trabalho. (*Applausos*.)

Essa bella e justa harmonia, entre interesses e deveres de proprietarios e operarios em geral, existe naturalmente entre os que possuem casas commerciaes e seus empregados, os caixeiros. E notaes bem, senhores, que esta expressão — *caixeiro*, significa

o que guarda a caixa, o que merece a confiança do patrão, do pa-
(*Muito bem.*)

Essa harmonia, de patrões e as dos caixeiros, é para o in-
teresse commum, e os interesses legítimos, senhores, jamais se
contrariam. O interesse individual é sancionado pela moral a
mais rigorosa desde que não vá ferir a sociedade. A sciencia
não quer de modo algum eliminar do coração do homem o
egoísmo, porque seria eliminar a personalidade e vós sabeis que
a personalidade é um dos elementos da dignidade; a sciencia
moral a mais elevada, procura, não extinguir, mas diminuir o
egoísmo, disciplina-o, dirige-o, submete-o ao bem social. In-
teresses legítimos se combinam. Interesses dos caixeiros, são
interesses do patrão, e interesses do patrão são interesses do
caixeiro. (*Apoiados; applausos*). Interesse do trabalhador é in-
teresse de quem lhe dá trabalho; interesse de quem dá trabalho
é interesse do trabalhador, (*Muito bem*). É possível conceber
que individuos, que vivem em continua lide de relações, que tem
uma existencia commum, que collaboram para o mesmo fim, o
bem estar mutuo, tendo um o capital e pedindo o trabalho;
outros, tendo o trabalho e pedindo o capital; é possível conceber
tenham interesses diversos, cuja harmonia seja impossivel?

Notae ainda, em bem dos proprietarios, que elles obedecem
à evolução social, que produz a maxima de *que os fortes protejam
os fracos*; notae, em seu bem, que essa concessão aos caixeiros
não é mais repellida *in limine*, como uma licença perigosa; notae,
para sua honra, que muitos patrões julgam o descanso que
os caixeiros pedem um interesse, e uma garantia para elles
mesmos; notae a elevação moral e intellectual que com isto o
comercio revella. É não é grande prova d'essa elevação a
minha presença aqui neste momento e em seu nome? (*Muito bem*).
A minha presença nesta tribuna, a dos dignos representantes da
classe commercial, patrões e caixeiros, a presença de todos vós,
significa que si os commerciantes fossem incapazes de uma tal
medida de generosidade, si os caixeiros fossem capazes de abusar
de sua liberdade, uns e outros não teriam recorrido a este meio
intellectual, á propaganda de suas idéas, não teriam recorrido á
tribuna, não teriam recorrido á palavra! (*Apoiados e applausos*).

Os processos que empregam são os de que usam as classes
intellectuaes mais elevadas, a tribuna e a imprensa, isto é, os
meios empregados para uma modificação social de qualquer, já
se trate de uma modificação economica ou politica, já se trate de
uma modificação artistica ou qualquer outra. Caixeiros que em
conferencias publicas pedem um bem estar, o descanso, pro-
prietarios que a ellas comparecem, são dignos uns dos outros,
dignos de sua época, dignos da sociedade em que vivem.
(*Applausos!*)

Mens senhores, atravez dos tempos, a sociedade se tem libertado de um certo numero de preconceitos e de theorias perniciosas. Principios retrogradados ha que só tem servido para a exploração consciente ou inconsciente de certa parte da sociedade em prejuizo de outra. Assim, o trabalho manual é considerado por alguns como labor somenos, emprego menos digno de forças mentaes. Suppõe-se que aquelle a quem a natureza dotou de talento e de certa elevação, não deve entregar-se a mistéres materiaes.

Quando, porém, senhores, olhamos para o conjunto da sociedade pensante, quando se nota que, da mesma arte que a bondade e a maldade extremas, raro existem, o supremo talento, como a suprema estupidez não existem tambem, vemos que existe para todos os homens uma media humana intellectual, e que muitas vezes é a vaidade que nos faz suppor providos de talento, quando que nos faz esperar um grande destino, quando, entretanto, de pouco valor mental dispomos, e bem poderíamos empregar nossos esforços e recursos em profissões obscuras, e modestas, mas de não menor garantia, e efficacia social.

A proporeção que a sociedade vae caminhando, e que uma dura experiencia nos vae mostrando que tantos apregoados genios precoces se apagam no meio das rudes provanças da vida, vamos comprehendendo que o essencial não é viver brilhantemente, mas viver honradamente (*muito bem*), que o essencial é preparar um futuro honrado, viver tranquillo o conjunto das nossas convicções, a nossa consciencia; viver certo de que se cumpre uma função social, e de que se collabora para o progresso geral.

A sociedade brasileira foi durante muito tempo victima da illusão de que só o homem letrado podia realisar as funções mais nobres. Eu que vos falo, Srs. sou homem diplomado; mas faço justiça aos de minha classe, que sabem bem que muitas vezes o titulo de doutor é carga pesada, que difficulta a vida, que impõe obrigações intellectuaes e moraes muito além do proprio talento nativo e da preparação obtida; de sorte que por um lado a experiencia d'esses é por outro, a que se tem feito nas classes trabalhadoras, de que tem surgido homens de merito real, espiritos praticos (e o caracteristico do talento é a sua utilidade pratica, social,) forão revellando que as profissões manuaes, ou as de applicação financeira e material não são incompativeis com o desenvolvimento mental; que o manejo do *razão* e do *diario*, bem como o da picareta, e da ferramenta não são incompativeis com o estudo dos livros de sciencia e o gozo das obras de arte. Foi-se provando que o pequeno caixeiro, que anda na rua, sobraçando objectos, transmettindo recados, cumprindo ás vezes de

momentos ordens de seus patrões, desenvolva muito a intelligencia, e a exercita para operações de maior vulto. Concebua-se que instrução não quer dizer intelligencia, que aquella é um meio de desenvolvimento d'esta e que si a instrução é má, viciada, desenvolve-se-a por máos caminhos de urzes, de fragoas desigualldades, que perturbão a marcha de um espirito numa dada carreira.

Ora, eu vejo, meus Srs. que as classes commerciaes, que espontaneamente tem desenvolvido sua mentalidade, tem felizmente evitado a má instrução que em geral se dá em nossos dias; no nosso e nos paizes estrangeiros. Não é isto assumpto para discutir neste momento. Direi, entretanto, que a profissão de commercio é um trabalho que aguçá a intelligencia, desperta a sagacidade, fortifica o raciocinio, torna mais completa a logica, facilita a indução e a deducção, pelas multiplas relações, pela actividade que impõe.

Si a intelligencia caracteriza-se pelos seus resultados; si o homem de verdadeiro talento não é o que apenas pensa muito, más o que bem executa o que pensa; se a intelligencia real não é a do utopista, a do mero theorico, mas a do que applica a theoria e procura tornar realisavel a utopia, a classe dos commerciantes é das que se podem julgar mais intelligentes, por isso que seus resultados inteiramente práticos, razão deixam de ser efficazes, e em proveito individual e publico.

Si um ou outro negociante perde o fino administrativo; si sobra na difficillima luta da vida material, não consegue manter-se com segurança e habilidade no meio d'esse movimento constante, dessa relatividade necessaria e fatal de muitas operações urgentes em muitas circumstancias e ao mesmo tempo, contudo a prosperidade commercial assustadora nossa e de diversas nações, é prova de que esta profissão desenvolve as forças intellectuaes, com resultados positivos, efficazes e praticos.

E poderiam não ser intelligentes homens que estabelecem relações de communicabilidade entre diversos paizes, que confraternisam entre si, que tornam-se irmãos, que convertem sua riqueza individual em riqueza publica: homens que dedicão uma existencia, e quasi sempre uma longa existencia, a um trabalho commum que exige locubrações mentaes diarias; que pela communicabilidade que instituíram, impõem a navegação, impõem o telegrapho, impõem a imprensa, impõem todos os elementos de progresso e assim organisão a fortuna geral, determinão a applicação do capital e o aproveitamento do trabalho? (*Applausos prolongados*).

Ha ainda hoje uma escola que não comprehende a ligação sympathica entre o capital e o trabalho, entre o pobre e o rico. Partindo, é verdade, de um ponto exacto — *que toda a riqueza*

é social em seu destino e em sua origem, — o communismo quer entretanto, a divisão da propriedade, que, entretanto, deve ter uma apropriação individual. Assim, a grande propriedade foi por muitos condemnada; assim o rico ficou exposto ao odio publico e considerado incapaz de intelligencia e de bons sentimentos. Por outro lado, os individuos que a favoreavão não procuravão garanti-la nas suas condições de existencia.

É verdade que a riqueza é social em sua origem e em seu destino. É verdade que ninguém pôde dizer: — *eu ganhei*, porque quando alguém ganha é com o auxilio de todos, com o auxilio da sociedade inteira, com o auxilio do freguez que compra na casa, com o auxilio do caixeiro que nella trabalha, com o auxilio de todas as suas relações sociaes. (*Applausos*) Mas, não é menos certo que para ter a propriedade um fim social, é mister que ella receba uma apropriação individual, que esteja concretizada em algumas mãos; portanto, senhores, deixai-me dizer-vos que, se deve existir a pequena propriedade, tambem a grande propriedade tem prestado serviços a humanidade; os grandes capitães accumulados podem soffrer applicação social, mais util n'um momento dado, do que o simples esforço da cooperação de pequenõs capitães; si a cooperação, si a associação produz bons resultados, a concentração da riqueza, quando bem administrada e applicada, produz melhormente resultados maiores.

Assim, a grande propriedade contribuiu para a civilização de nossa patria, como o prova a historia pelo estabelecimento das capitãrias hereditarias que nenhumamente seteriam constituido si, em logar de caberem a mãos poderosas, fossem destinadas a fracos que não resistiriam á luta com as difficuldades da colonisação, com os indios barbaros e a terra inculta.

Portanto a grande propriedade, deve existir. Poderia a lei, em uma questão social, como esta é, intervir para dizer ao homem: «possui tanto», ou «deixai de possuir tanto» ou «distribui parte do vosso capital»? Mas seria um attentado a liberdade, e attentado de grandes inconvenientes sociaes. Os ricos por isso são fortes, facilmente são protectores, bemfeitores e benemeritos. Aquelle valor bellico, do cavalheiro andante que, para defender o orphão, a viuva e o fraco, expunha a vida em batalhas, foi substituido em nossos dias pelo espirito de protecção, do poderoso pela generosidade efficaz do rico. Desponta já a nova classe de cavalheiros, a dos homens ricos dadivosos, que comprehendem que o seu capital não é só para gozo proprio, mas tambem para melhoramento da sociedade em que vivem. (*Muito bem, muito bem.*)

Temos exemplos dessa generosidade; a riqueza bem comprehendida a desenvolve, bem como a eleyação dos sentimentos pôde existir igualmente na pobreza. A mesquinhez não é propria

a uma ou outra exclusivamente. Que os ricos, os fortes, protejam aos pobres, e que os pobres, sentindo-se fracos, procurem apoio em outros fracos, auxiliem os companheiros, a todos que lutam quasi vencidos na carreira da existencia. De uma tal arte ricos e pobres, fortes e fracos, unem-se e combinam-se, fundam associações de mutua beneficencia, desenvolvem a fortuna commum, marchando á felicidade geral.

O commercio, vos disse, desenvolve as forças humanas, faculdades intellectuaes, praticas, ou moraes. Não faz excepção a esta regra o commercio brasileiro. Nós o temos visto sempre acudir a todos os appellos generosos quer se trate de modificações sociaes de alcance secundario, quer se trate das que imprimam aspecto diverso a sociedade, no sentido de sua direcção politica.

Negociante, meus senhores, não quer dizer apathico. Temos visto os negociantes comprehenderem os conselhos do patriotismo e seguirem-nos; ainda ha pouco vimol-os collaborar na realisação de um dos actos mais grandiosos de nossa patria, a abolição dos captivos. (*Applausos*) Eu vi, eu vi, aquelle generoso commercio da cidade de Santos, dependente da lavoura embora, fazer de cada armazam, escriptorio commercial um refugio, um logar de liberdade para o escravo que marchava para a cidade, por onde a escravidão sahira e a liberdade entrara na provincia de S. Paulo. (*Applausos*)! Eu vi grandes capitaes empregados no acoutamento dos fugidos! Eu vi que, cautos, para não irem buscal-o ás fazendas, os empregados commerciaes eram bastante humanos, para receberem em suas casas o escravo e não deixarem que elle sabbisse da liberdade para a escravidão. (*Applausos*)!

Si o commercio parece indifferente a alguns movimentos sociaes, é porque a preocupação da vida pratica imprime-lhe um espirito, á primeira, demasiado de ordem, porque de muita conservação... D'ahi sua tendencia para não auxiliar modificações sociaes de um para outro instante; é bem, é boa tendencia; a sociedade precisa de esteios; precisa ter uma classe que, quando vibrante de progresso e de reforma queira uma população precipitar uma evolução, ou antecipar uma revolução, que seria anarchia, lhe diga:—progridi, mas progridi e nservando; progridi, mas progridi melhorando; progridi, mas progridi guardando os principios eternos, da prosperidade e da felicidade humana! (*Applausos*.)

E' um agitador, é um revolucionario, segundo se pensa, quem vos falla. (*Não apoiados*) Mas, jamais, senhores, eu que-ria para a obra politica que emprehendo, o concurso de uma classe, quando esse concurso não fosse consciante e reflectido; jamais enquanto ella não tivesse comprehendido que transfor-

mação não era revolução armada, e que a revolução não era anarchia (*Muito bem*).

Os empregados no commercio do Rio de Janeiro, neste momento pedem a seus patrões o descanso, a hora de lazer, para que seja melhor o seu trabalho moderado. Já observava o grande economista Adam Smith que «em cada especie de officio, o homem que trabalha bastante, moderadamente, para poder trabalhar sem interrupção, não somente conserva melhor sua saúde que um outro, mas ainda é o que no espaço de um anno executa a maior somma de trabalho.» Assim, o trabalho moderado, o mais productivo, é o que mais continuo pôde ser. Eis, além de outras idéas o que procuraram sempre provar os operarios, ao mesmo tempo philosophos, ligados á escola positiva, de A. Comte, que é a minha, e cujas idéas exponho, veja-se o discurso de Mr. John Ingham, no Congresso dos Trades Unions, de Dublin, vejam-se as observações de Mr. Falrén Magnin, marceneiro parisiense ao Congresso operario de Marselha. Assim, o proprio interesse do commerciante está em que seu empregado trabalhe moderadamente, para que trabalhe regularmente.

O trabalho moderado é uma necessidade, é prazer, é um gozo. Quando, porém, passa de certo limite, quando se transforma em uma fadiga, e queima o organismo pela perturbação do sangue exausto, em vez de um bem, altera elementos de saúde, o mesmo de vida, e desordena, pela sua irregularidade, a expansão da actividade industrial.

Fonte de vida para o corpo, fonte de luz para a intelligencia, bem como o sol é fonte de vida para o organismo physico e fonte de luz para a natureza, o trabalho, se se torna exagerado, cresta o homem, do mesmo modo que o calor excessivo do sol cresta a florescencia da vegetação (*Muito bem*).

Trabalho quer dizer ordem, quer dizer moderação. Trabalho excessivo transforma-se em desordem.

Trabalho quer dizer sequencia, quer dizer progresso e o progresso, vós bem o sabeis, é o desenvolvimento da ordem. O trabalho em excesso é um mal e quem o supporta não o desempenha bem, e mais ainda, como os sentimentos dependem do modo de ver as cousas, se o trabalho é excessivo, torna-se odioso, tornando máo o trabalhador, ao qual dóe a injustiça, e cujo espirito afflicto desvia-se pela revolta.

É verdade que o methodo pôde dar a um organismo força excepcional para augmentar a somma de trabalho; um tal privilegio de exceder-se não é, porém, commum; e impraticavel quando não voluntario. E demais, além do descanso, é mister reconhecer a necessidade do recreio, da hora vaga para o folguedo, a alegria, a expansão do riso, da satisfação do que descansa.

Foram-se os tempos, meus Srs., em que o dono de uma casa commercial entendia ser um crime o sorriso de seu caixeiro. Tempos de uma philosophia triste, e dolorosa! Hoje, porém, percebe-se que a expansão da alegria é um grande prazer da vida, que o homem alegre é quasi sempre um homem bom, e intelligente porque são: no moço a alegria é mesmo condição essencial, de equilibrio phisico e moral; o moço já velho, será, quando chegarem as neves da velhice, moço demais. Hoje os patrões sabem que a satisfação de seus empregados, as suas recreações nos dias santificados, são a satisfação, uma necessidade; no dia seguinte o espirito refeito dispõe-se novamente e melhor a um trabalho proveitoso. De resto estes moços tem direito a esse descanso, e a esse recreio.

Srs., notae bem que no Brazil, bem examinadas as cousas, a classe que mais trabalha é a dos moços empregados no commercio. (*Apoiados*). Tinhamos até pouco o proletariado agricola formado pelo escravo, que trabalhava sob pressão material e sem estímulo, e que mostrarão muita vez tendencia natural para a revolta contra um tal trabalho, além de injusto continuo. Mas era uma classe constituída por uma raça que, sendo das raças a mais effectiva, pelo seu mui pequeno desenvolvimento intellectual, e pela sua mesma affectividade, venerava de mais, tinha calçado pelo captivo o sentimento da dignidade, e não sentia muito os estímulos da intelligencia e da independencia. Seu trabalho era, por sua parte, nobre; mas muita vez o illudia, justamente, pelo vagar, pela fuga demorada, ou pela molestia. D'esta sorte, seu trabalho era, em resultado, menor que a d'este nobre proletariado commercial (proletario é todo o que não tem fortuna, que vive do trabalho diario ou mensal), pertencente a uma raça que se caracteriza pelo desenvolvimento da intelligencia, raça caucasica; e pertencente a nação brasileira, cujo desenvolvimento intellectual é proverbialmente espantoso. Essa classe, de operarios é a que desempenha, mais voluntaria, mais activa e mais continuamente a maior somma de trabalho. (*Apoiados*).

Além d'isto, Srs., pensemos que a classe dos caixeiros compõe-se tambem de muitas crianças, de meninos que, pela pobreza ou pela não revelação de grande capacidade intellectual, segundo uma supposição ás vezes superficial, são destinados a essa carreira; e vemos seres ainda pequenos, em começo do desenvolvimento de suas faculdades e de seu vigor phisico, já entregues a um trabalho continuo, enervante, extraordinario! E que o digam os patrões si em occasiões urgentes muitas vezes os humildes caixeiros não passam noites em claro, sobre os livros no escriptorio, ou aviando remessas para as casas do interior; que digam si no fim de annos desse trabalho, aquelles empre-

gados não produziram maior somma de actividade do que a que podiam dar ! (*Applausos*).

Accresce que, quando um homem trabalha, grande parte da noite e tem o dia para dormir, descansa, recupera forças; mas o caixeiro, que velou pela noite, vai pela manhã para o balação novamente, porque a vida commercial não se interrompe, o freguez não quer saber si o negociante dormio, si o empregado dormio !

A classe commercial, repito, é actualmente a mais trabalhadora do nosso paiz. Podê ser que um dia, com o desenvolvimento industrial, tenhamos no nosso paiz a somma de trabalho fatigante que tem o operario nas officinas europeas; pôde ser que com os elementos de novas patrias que vem para a nossa agricultura, estabeleça-se uma grande concurrencia que faça com que os trabalhadores do campo se entreguem a um labor forçado; mas hoje, com uma experiencia de vista, pôde-se dizer com segurança que estão alem do commercio em actividade as outras classes trabalhadoras.

Estes homens pedem descanso, para a vida physica, para o aperfeiçoamento intellectual e para a expansão dos sentimentos moraes. Passado o domingo ou o dia santificado, depois da distracção proporcionada pelas relações, pela troca de idéas e sentimentos, que é um prazer, pela conservação, o empregado voltará para a casa commercial, mais robustecido, mais alegre, mais possuido dos seus deveres. A actividade mental se lhe tornará maior; melhor a sagacidade, maior a agilidade; ganhará em summa novas forças, porque o repouso ter-lhe-ha á alma uma nova tonalidade.

Os patrões comprehendem já que a submissão não é dependencia indigna; que receber salário é tão honroso como pagal-o; pois que si o trabalho não dispensa o ordenado, o ordenado não dispensa o trabalhador; pois o trabalhador pode produzir dinheiro, mas o dinheiro não pode formar trabalhadores. (*Applausos*.)

Poderão alguns allegar, com uma insinuação malevola, ou falsa prudencia, que talvez os empregados abusam da liberdade que lhes seja dada.

Em primeiro lugar, seria cousa contraria á ordem natural, Não é logico que quem melhora de posição, de bem estar, de segurança material, peiore moralmente. Si ás vezes n'um homem que passou de uma condição inferior para outra superior, vibra o aguilhão da revolta contra o que lhe fez essa concessão, crêde, senhores, que não o faz de si, expontaneamente; é sempre instrumento sciente ou não de mãos alheias, movidas por interesses, ou por uma paixão qualquer; a regra é que, o que melhora é grato para com quem concede-lhe o melhoramento. (*Muito bem*.)

E é preciso notar, não se trata aqui de um favor e que os

empregados no commercio têm direito á concessão que pedem; contudo, devem reconhecer que esse descanso será uma cessão, embora devida, uma generosidade por parte de seus patrões; de modo que a obtenção do direito não repugna de forma alguma ao reconhecimento, á gratidão e á sympathy. (*Muito bem, muito bem.*) Por isso, não posso crer que abusem da liberdade que é d'elles, embora não a possuam, e que lhes será concedida.

Mas que não fosse assim? Senhores, é curioso certo liberalismo que quer tolher a liberdade. Si a liberdade é o dever de fazer o bem que se pode, jamais pode ser imposta senão pelo conselho ou pela persuasão, porque bem como a intelligencia, a instrução, e a bondade não se impõe. Pelo que, embora discordante de muitos, combato toda a imposição intellectual, toda a imposição moral. Não ha merito sem liberdade; e é pondo o individuo sobre si que se lhe pode notar esse merito, pelo modo por que elle usa da liberdade: — ha um limite unico nesta questão: — a idade. Ninguem tem o direito de se fazer tutor d'aquelle que o tem natural, — por lei, ou que o dispensa pela sua idade. E si não aceito essa tutela officiosa particular, muito menos aceito a do estado. Para mim o estado pode somente impor o que se refere a ordem publica; mas não tem o estado o direito de impor — nem instrução, nem moralidade. O homem tem o direito de ser ignorante, tem o direito de ser máu; a sociedade que o castigue com seu desprezo, a sociedade que o castigue por meio de seu juizo a seu respeito. Não quero, pois, o ensino obrigatorio, não quero moralidade obrigatoria; si o estado pode entrar-me em casa e dizer-me — ensina teu filho, por tal ou tal processo ou compendio porque teu filho não pode ser ignorante, nem mal instruido, amanhã, com o mesmo direito, si estiver doente o meu filho, o estado pode dizer-me: — chama tal medico, accita tal escola, porque teu filho não pode fallecer ou ser mal curado; ou determina: — em grande previdencia, não uses taes alimentos, porque far-te-hão mal, á tua absoluta saude, e não convem que deixes de ter excellente saude; porque tu não és teu, tu és especialmente meu. (*Riso; applausos!*) Não, senhores, não confundir amor e dedicação á Patria, que moralmente de nós tem direito a tudo exigir, a servidão obrigatoria ao Estado! (*Applausos.*) Porque essa servidão é socialismo do estado; negação da liberdade, vil desgraçada tyrannia!

Si o empregado no commercio abusar, que não lhe dê trabalho o patrão; (*apoiados*); si aproveitar o dia de descanso para se desmoralisar, que o patrão negue-lhe o seu concurso, e elle não poderá trabalhar, não poderá viver. *Quis non laborat, non manducat*, dizia S. Paulo. Quem não trabalha, não come. O direito de trabalhar ou não trabalhar, de estudar ou não estudar, serve justamente para que o homem possa ser respon-

savel por seus actos, para que seja consciente a dignidade, para que seja uma glória e essa o trabalho. Nada, pois, de trabalho obrigado. A ociosidade é um vicio moral, que só moralmente, pelo desprezo ao vadio, se corrige. Trabalho coacto é trabalho indigno, trabalho que não é digno, é a miséria: trabalho obrigado por lei é uma ociosidade disfarçada. (*Muito bem, muito bem.*)

Pensarão alguns que os empregados no commercio trabalhavam mais antigamente; é engano; ao contrario, seu serviço é hoje maior; o commercio tem se ampliado extraordinariamente, são mais vastas suas transações do que quando a sociedade brasileira era em embryão; actualmente o commercio tem relações com todos os paizes, o que tudo exige mais talento, actividade e vigor.

Notai, mesmo, Senhores, que certa perturbação economica que se dá as vezes no commercio, deficiencias que se observão em sua gestão, são em muito resultado do cansaço mental do empregado e do patrão, a que falta ás vezes segurança para n'um momento dado, resolver com precisão e acerto e rapidez complicadas questão de uma *casa*. (*Apoiados*).

Creio ter demonstrado a traços geraes, porém seguros, o papel eminente dos proprietarios de capital no seio da sociedade, e da mesma o não menos eminente papel dos que lhes augmentão o capital por meio do trabalho. Creio ter demonstrado que o commercio, longe de ser uma funcção esterelizadora para a intelligencia e para o coração, desenvolvia as faculdades do espirito e os bons sentimentos. Creio ter demonstrado que o repouso aos domingos e dias santos é uma garantia e uma utilidade para os próprios patrões e para os caixeiros, e que é dever que decorre das relações entre os mais fortes, os patrões, e os mais fracos, os caixeiros; e que aos mais fortes cabe a protecção aos mais fracos; pois si no tempo da força da espada dizia-se *noblesse oblige*, hoje e que póde auxiliar positivamente o pobre, deve convencer-se que *richesse oblige*; a riqueza obriga. Creio ter inspirado aos caixeiros, afinal, que o gauho de sua cauza deve fazer-lhes augmentar o respeito e a estima aos seus patrões e a estes que seus empregados *pedem o descanso para melhor servir*. Para que uns e outros enriqueçam e honrem a *casa*, que não é um aggregado de caixeiros urgidos pelo *ganho*, e de patrões que os aceitam por *necessidade*, mas sim como o termo o indica, alguma coisa — a *casa* —, que se aproxima de uma familia de cidadãos, com um ideal, augmentar a riqueza material da Patria! (*Applausos*).

Entretanto, Senhores, eu combateria qualquer intervenção legal neste assumpto. Neste ponto, como é de ver pelo que deixei dito, sobre a intervenção do Estado nas questões sociais perfeitamente de accordo com o illustre commerciante, o Sr. Rodolpho Abreu, que tem revelado na imprensa as melhorias do seu coração

e a lucidez de seu espirito, em artigos escriptos com tino pratico e seguro, provando que qualquer intervenção do estado ou do parlamento nesta questão seria tyrannica, attentatoria dos direitos dos commerciantes e prejudicaria o resultado dessa propaganda, em que elle, proprietario, elle, patrão, está ao lado dos empregados no commercio, como seu verdadeiro protector, inspirando-lhes as normas de uma conducta sensata, e servindo de intermediario entre os negociantes e os caixeiros. (*Applausos*).

Antes de mais, direi de passagem que uma prova evidente tem já dado os empregados no commercio do Rio de Janeiro de que não será prejudicial a concessão que pedem; está essa prova no numero de associações de todo o genero que têm fundado, pelos resultados intellectuaes que tem apresentado, sem terem entretanto tempo de descanso.

Antes de assumir a esta tribuna, estive na *Associação dos empregados no commercio*; estive no seu salão principal; vi as salas destinadas á aulas, vi a bibliotheca repleta de livros, vi o consultorio medico; ao lado da beneficencia commum, que aperfeiçoa o coração, vi o cultivo intellectual; sempre disposição a progredir. Tivessem a mesma disposição Senhores, todas as outras classes sociaes, entre ellas, muitas das que se suppõem boas dirigentes no nosso paiz! (*Muito bem*).

Onde tiveram origem, sinão no commercio, o Retiro Litterario Portuguez, o Gabinete Portuguez de Leitura, o Lyceo Litterario Portuguez, todas essas associações beneficentes que ali existem? Quantos moços de talento não tem do commercio sahido? Não foi no balcão que surgiu esse doce e triste poeta Casemiro de Abreu? (*Applausos*) Não foi do commercio que sahio esse moço de talento e de organização esthetica, o Sr. Filinto de Almeida? Do commercio tem sahido bons espiritos? Não pertence ao commercio Cunha Vasco? Não pertence ao commercio esse grupo de guarda-livros, que ao mesmo tempo que entretêm as *letras* de commercio, entretêm as letras da intelligencia? (*Applausos*).

E si este é o facto observado, si applicação ao estudo é esperanza que nos dão os moços desde que disponham de mais tempo, quão doloroso não é lembrarmo-nos de que muitos delles não tem a preparação intellectual que se devia esperar dos longos annos consumidos no trabalho; por faltar-lhes esse tempo tão necessario para tal educação?

Entretanto, repito, o governo não tem o direito de intervir nesta questão, (*Apoiados, muito bem*); não só pelo que já vos disse, como porque, segundo é de observação geral, o governo do nosso paiz jamais cuidou dos interesses do commercio (*apoiados*). Onde estão as escolas do commercio creadas pelo estado?

onde estão suas tentativas de melhoramento da classe que, ao lado da dos agricultores representa a fortuna pública?

Para o nosso systema de governo o commercio só serve para fornecer-lhe capitaes nas occasiões perigosas! (*Applausos*). Pelo espirito de nossa legislação, o governo julga mesmo a classe commercial pouco merecedora de attentões. Quereis prova irrefutavel? Vide a constituição do paiz, que ainda vigôra; tratando dos que não podem votar; exclue entre outros: — *os criados de servir, em cuja classe* (diz o § 3 do art. 92) *não entrão os guarda-livros e os primeiros caixeiros das casas de commercio* (*Hilaridade! signaes de indignação*). Quer isto dizer que a constituição do nosso paiz admite a hypothese de se considerar criado de servir o guarda-livros e o primeiro caixeiro! Quanto ao 2º, 3º e 4º caixeiros, estes, pela constituição, são *criados de servir*, são assim considerados!

Ora, uma constituição que deshonra ou que procura deshonrar o trabalho (*apoiados*) não dá direito ao governo que a mantem de intervir em uma questão de trabalho.

Depois, senhores, outra consideração. Tem um governo o direito de intervir na administração d'uma casa commercial, que custou o dinheiro, o trabalho, a actividade do proprietario e o dos empregados por elle pagos, como si se tratasse de um caso de salvação publica? O estado tem o direito de impedir que se ande despido pelas ruas, porque isso offende ao decoro publico; tem o direito de impedir que se façam habitações lora do alinhamento, uma janella menor do que a outra, porque o bom gosto, a hygiene, o bem estar publico o exigem, tem o direito de impedir que se passe com quatro carroções pela rua do Ouvidor, porque isso perturbaria o transitto publico, não tem porem, o direito de entrar em minha casa commercial que é um estabelecimento particular, e dizer-me *feche essa casa!* (*muito bem*).

Porque, meus senhores, não se trata aqui de salvação publica; trata-se de uma *injustiça social*, que as partes interessadas não de resolver de commum accordo; trata-se de uma *arbitragem social*, como bem disse no Paiz o Sr. Quintino Bocayuva, como tem sustentado diversos órgãos da imprensa e como o tem entendido o Sr. Rodolpho Abreu, nos artigos em que muito logicamente tem tratado do assumpto, já combatendo a intervenção da municipalidade, já a do parlamento.

Esta questão será só resolvida de accordo commum entre patrões e caixeiros. Imagine-se, um momento, que o descanso é determinado pelos poderes do estado; mas acontece ter uma casa commercial grande serviço que não pôde, sem prejuizo, deixar de ser feito no domingo; na vespera o patrão dirige-se aos seus empregados e expõe-lhes a necessidade imprescindivel de trabalha-

rem n'aquelle dia; os empregados, que zelam os interesses da casa, que tem comprehensão perfeita da collaboração que devem prestar-lhes, (tanto que no fim de alguns annos de serviços são chamados *interessados*, isto é, o interesse que manifestavam para com o *patrão* torna-se real, a elles reverte effectivo, consignado nos *livros*); os empregados, digo os identificados com a *casa*, preferem trabalhar no domingo a não prejudicarem-na. Mas, estabelecendo o accordo, vem a autoridade e diz: não trabalhem.

Quem indemnisa, pergunto o prejuizo do proprietario? quem indemnisa o prejuizo do trabalhador, que participa dos prejuizos da casa? E si o trabalhador, para viver honradamente, para pagar suas contas de fim de mez, para não deixar em privações ou com fome a mulher e os filhos, precisar trabalhar mais? Quem o responsavel effectivo pelas consequencias da sua falta de trabalho?

Si o estado dissesse: — Quanto perderam os senhores? Tanto? Pois tomem-no lá! então, sim. (*Riso*) Podia-se conceber um pouco o seu despotismo: *manda quem pôde* (*Riso*). Mas, desde que o estado não tem dinheiro para tanto, é melhor não metter-se a fazer despesas que não pôde pagar, ou a evitar que quem precisa trabalhar gánhe o necessario á vida (*Muito bem, muito bem*).

Dou de barato que, resolvida a questão por um accordo geral, firmada a regra, sancionea-a o poder municipal, estabelecendo uma postura; pois, depois do costume é que vem a lei e não é a lei que vem impor o costume; é este um principio razoavel de legislação constituenda. Mas nunca admittiria a intervenção do parlamento, porque não sei o que tem os deputados do Amazonas, com a questão dos caixeiros do Rio de Janeiro. So justamente o que produz essa tão fatal centralisação administrativa em nosso paiz é fazerem-se eleições em Manaós, Botucatu ou em Cuyabá para decidir-se a abertura de ruas ou fechamento das portas nesta capital (*Apoiados*)!

Tenho dito, senhores, quanto me parece bastar a desempenhar a delegação que me foi conferida.

Direi, concluindo, que á classe dos proprietarios cabem deveres que esperamos saberá continuar a cumprir; o dever de conservar a riqueza que, afinal é publica, melhorando seus elementos, e augmentando-a; o dever da repartição dessa riqueza pelos trabalhadores, conforme a somma de trabalho de cada um; de administral-a e de transmittil-a dignamente aos herdeiros.

A' classe operaria que é o vasto corpo social, cabe produzir o trabalho, e tambem a regeneração social, pela educação de seus membros, e a proteção mutua; tambem a collaboração em negocios publicos, ou interesses pelas questões sociaes, por uma justa *apreciação*, auxiliando a formação da opinião publica, a

maior força humana, pois tem pela sua força numerica a serena suasação de um conselho, e a oppressora imposição de uma ordem.

Fico em que os empregados das casas commerciaes não deixarão falsa a minha palavra, raro empenhada, de que saberão cumprir o seu dever, aproveitando os dias de descanso para seu melhoramento, poderemos ver então os dias em que, a exemplo do que fazem os da Associação dos Empregados no Commercio, elles procuraram todos instruir-se, fortalecer-se e educar-se. Estou convencido de que, na epoca de transformação que a patria atravessa, em que todos nós vamos em busca da terra da permissão, em busca de uma inteira liberdade; sob as leis, e para a felicidade do nosso paiz; bem como os gregos da Retirada dos dez mil, exaustos, conduzidos por Xenofonte, ao avistarem o Ponto Euxino, saudaram-na, bradaram — thalassa! thalassa! o mar! o mar! Os empregados no Commercio, após um caminho pela ignorancia, a pouca consideração social, antevendo os tempos de saber, de segurança material, de constituição de uma familia, de conceito publico, de direcção nos negocios geraes, poderão bradar tambem:— Instrueção! Liberdade, para servir dignamente á Patria!

(Applausos prolongados. O orador é calorosamente felicitado, abraçado por seus amigos e acclamado, sendo-lhe entregues pela directoria da Associação dos Empregados no Commercio um ramo de flores e o diploma de socio honorario.)

